



CONGRESSO
CMB 2024

13 A 15 DE AGOSTO

BRASÍLIA - DF

**Ações e
Caminhos para
a Transformação.**



Ações e Caminhos para a Transformação.



CONGRESSO
CMB 2024
13 A 15 DE AGOSTO
BRASÍLIA - DF

6 Abertura

- Apresentação
- Palavra do Presidente da CMB
- Comissão científica
- Destaques em Aspas

22 Plenária • Dia 1

- Abertura oficial
- Eficiência Hospitalar: Soluções e Estratégias para uma Gestão Sustentável”
- Desafios Contemporâneos da Gestão Hospitalar

36 Plenária • Dia 2

- A Excelência em Gestão de Pessoas: Como líderes de impacto constroem os melhores Hospitais para se trabalhar”
- A Dinâmica da Inteligência Artificial e sua relação com o Capital Humano da Instituição de Saúde
- Inovação nos Hospitais Filantrópicos: um Debate sobre Estratégias e Boas Práticas
- Sustentabilidade e novos formatos para Captação de Recursos: Estratégias para Hospitais Filantrópicos



46 Plenária • Dia 3

- Ações e Caminhos para a Transformação
- Encerramento

52 Seminário Saúde Suplementar

- Introdução
- Saúde Suplementar: Cenário atual e perspectivas
- A relevância do setor filantrópico no ecossistema da saúde suplementar
- Construindo alternativas frente aos principais desafios assistenciais
- Ações e Caminhos para a transformação na Saúde Suplementar

72 Fórum Jurídico

- Introdução
- Segurança Jurídica na Negociação com as Operadoras de Saúde
- Obrigações Legais: Riscos e Consequências do Descumprimento
- O Impacto da Incorporação de Tecnologia no SUS

APRESENTAÇÃO

“Ações e Caminhos para a Transformação: Um Novo Capítulo para a Saúde Filantrópica”



CONGRESSO
CMB 2024
AÇÕES E CAMINHOS
PARA A TRANSFORMAÇÃO

Em torno do tema central “Ações e Caminhos para a Transformação”, foi apresentado um panorama completo dos desafios e oportunidades que formam a conjuntura atual do setor.

O 32º Congresso Nacional das Santas Casas e Hospitais Filantrópicos reuniu mais de 1.400 participantes e alguns dos especialistas em saúde mais reconhecidos do país, além de diversas autoridades com responsabilidades de tomar decisões fundamentais neste momento de grandes mudanças no setor. Nesse ambiente, os três dias de evento proporcionaram um espaço amplo de debates e reflexões superqualificados que, certamente, vão influenciar o futuro da assistência no Brasil.



Em torno do tema central “Ações e Caminhos para a Transformação”, foi apresentado um panorama completo dos desafios e oportunidades que formam a conjuntura atual do setor. Com um olhar atento para a sustentabilidade econômica e a qualidade da assistência, as discussões apontaram soluções inovadoras para garantir a evolução das instituições filantrópicas e a melhoria contínua dos serviços prestados à população.

A programação do evento foi marcada por uma série de painéis e palestras que abordaram questões fundamentais para a gestão hospitalar, como a busca por maior eficiência operacional, a implementação de novas tecnologias e a necessidade de adaptar-se a um cenário cada vez mais complexo e exigente. A ênfase na gestão sustentável, tanto do ponto de vista financeiro quanto ambiental, permeou as discussões, evidenciando a importância de práticas que garantam a viabilidade das instituições a longo prazo.

A forte presença das Federações e gestores de instituições de todo o país proporcionou grande diversidade de perspectivas e conhecimentos para enriquecer as discussões, gerando um espaço fértil para o compartilhamento de novas ideias e a identificação de oportunidades

A forte presença das Federações e gestores de instituições de todo o país proporcionou grande diversidade de perspectivas e conhecimentos para enriquecer as discussões.

para o setor. Além disso, a união de todos os stakeholders em torno de objetivos comuns demonstrou o poder transformador da colaboração e a importância de um trabalho em conjunto.

A seguir, você encontrará um registro dos principais debates e conclusões do congresso, com um panorama completo das propostas apresentadas. Acreditamos que este material será uma importante ferramenta para auxiliar os gestores e profissionais da saúde a implementar as transformações necessárias para garantir a sustentabilidade e a excelência das instituições filantrópicas nos próximos anos, bem como orientar melhorias em todo o sistema de saúde brasileiro.

Boa leitura!



UM NOVO CAPÍTULO PARA AS SANTAS CASAS E HOSPITAIS FILANTRÓPICOS

Por Mirocles Vêras

O sucesso do congresso foi fruto do trabalho conjunto de todos os envolvidos, desde os organizadores e palestrantes até os participantes e patrocinadores. E, claro, da participação das Federações e dos gestores das instituições de todo o Brasil, que trazem indispensável diversidade e conhecimentos para as nossas causas e ações, demonstrando que a CMB, em seus 61 anos de história, mais do que nunca é capaz de representar a todos e promover a união em torno dos objetivos comuns.



O 32º Congresso Nacional das Santas Casas e Hospitais Filantrópicos representou um marco histórico para o segmento filantrópico e a saúde em geral. Sob o tema “Ações e Caminhos para a Transformação”, o evento reuniu líderes, profissionais da saúde e diversas autoridades para discutir os desafios e oportunidades enfrentados pelas instituições e traçar um futuro mais promissor para a assistência que oferecemos aos brasileiros em todas as regiões do país. Foram três dias de atividades em um ambiente marcado pelo entusiasmo e a troca de experiências enriquecedoras, uma atmosfera inspiradora que reforçou o nosso otimismo em relação ao futuro. Os debates, palestras e workshops abordaram temas fundamentais para a gestão hospitalar, como eficiência, inovação, sustentabilidade e a relação com o poder público, e apontaram as direções para o desenvolvimento do nosso setor.

A presença de autoridades como o vice-presidente Geraldo Alckmin e a ministra da Saúde Nísia Trindade, além de diversos parlamentares e técnicos do governo, evidenciou a importância dos filantrópicos para o país e a união em torno de soluções para fortalecer as nossas instituições e as políticas públicas. Mais do que nunca, todos pudemos ver, estamos juntos pela saúde dos brasileiros.



Nesse sentido, durante o congresso destacamos inúmeros avanços na legislação que estão oferecendo mecanismos importantes para o aprimoramento da gestão das instituições filantrópicas. São conquistas fundamentais, frutos de uma permanente mobilização do segmento liderada pela CMB e as Federações, com a indispensável participação do deputado Antonio Brito, e que representam passos significativos na busca pela sustentabilidade econômica das nossas operações. Operações que, nunca é demais lembrar, correspondem a quase metade de toda a capacidade assistencial do SUS.

O sucesso do congresso foi fruto do trabalho conjunto de todos os envolvidos, desde os organizadores e palestrantes até os participantes

e patrocinadores. E, claro, da participação das Federações e dos gestores das instituições de todo o Brasil, que trazem indispensável diversidade e conhecimentos para as nossas causas e ações, demonstrando que a CMB, em seus 61 anos de história, mais do que nunca é capaz de representar a todos e promover a união em torno dos objetivos comuns.

O 32º Congresso Nacional das Santas Casas e Hospitais Filantrópicos escreveu um novo capítulo em nossa trajetória bem-sucedida de quase quinhentos anos, e indicou que seguimos cumprindo o compromisso de construir um futuro com assistência de qualidade para cada vez mais brasileiros. Vamos juntos, pois estamos no caminho certo.



UM CONGRESSO DE IDEIAS, SOLUÇÕES E COMPROMISSO COM A SAÚDE DOS BRASILEIROS

Por comissão científica*

A excelência em gestão de pessoas também teve destaque na programação, ressaltando a necessidade de criar ambientes de trabalho atrativos e motivadores. A retenção de talentos e o fortalecimento da cultura organizacional foram apontados como fundamentais para promover a qualidade nos hospitais filantrópicos, especialmente em tempos de grandes transformações.



O 32º Congresso Nacional das Santas Casas e Hospitais Filantrópicos consolidou-se como um espaço essencial de troca de conhecimento, inovação e colaboração, baseado em uma programação desenvolvida cuidadosamente para abordar os desafios mais urgentes da saúde, com foco na gestão hospitalar e na sustentabilidade das organizações.

Com o tema “Ações e Caminhos para a Transformação”, o evento proporcionou uma visão abrangente das prioridades de um setor em movimento acelerado, com debates sobre qualidade, eficiência operacional, sustentabilidade econômica, inovação tecnológica, ampliação do acesso e humanização do atendimento. Cada painel ofereceu a oportunidade de aprendizado com experts e o compartilhamento de experiências valiosas entre os gestores presentes, apontando soluções práticas aplicáveis no dia a dia das instituições, especialmente as filantrópicas.

Foram apresentadas, por exemplo, estratégias inovadoras para a geração de receitas, demonstrando como parcerias e novos modelos de gestão podem impulsionar a sustentabilidade financeira. Além disso, temas como inteligência artificial (IA) e transformação digital

foram explorados em profundidade, enfatizando a importância de integrar as tecnologias de forma ética e eficiente, sem perder de vista o papel fundamental do capital humano nas operações hospitalares.

A excelência em gestão de pessoas também teve destaque na programação, ressaltando a necessidade de criar ambientes de trabalho atrativos e motivadores. A retenção de talentos e o fortalecimento da cultura organizacional foram apontados como fundamentais para promover a qualidade nos hospitais filantrópicos, especialmente em tempos de grandes transformações.

Outro ponto importante foi a abordagem mais holística da operação hospitalar, que vai além dos aspectos econômicos e considera os impactos sociais e ambientais das ações, em sintonia com os princípios de ESG, e a segurança psicológica das equipes.

Estamos certos de que os conhecimentos adquiridos e as discussões promovidas ao lon-

go desses três dias deixaram os participantes mais bem preparados para enfrentar os desafios complexos da gestão atual. E toda a troca de experiências e a disseminação de boas práticas permitiram que o congresso cumprisse seu papel de fomentar a inovação e as boas práticas, e fortalecer a colaboração entre as instituições de saúde do Brasil.

E, acima de tudo, o 32º Congresso reforçou o compromisso dos diversos agentes do setor com uma agenda comum de desenvolvimento, focada em soluções inovadoras e no trabalho conjunto para construir um futuro mais eficiente, sustentável e humano.

Comissão científica:

Aléxia Costa, André Ragnini, Daniela Mekar, Elita Herrmann, Joana Jatobá, Jorge Ivan Teles, Luciana Tameirão, Mário César, Monaliza Santos, Rosane Mageste, Sônia Poloni e Vivian Giudice.



Comissão Científica 2024





“

E podem contar sempre comigo, pois sou um admirador do trabalho de cada um de vocês [gestores da rede filantrópica]. Vocês fazem a diferença no Brasil inteiro

Geraldo Alckmin,
vice-presidente da República e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços

“

As Santas Casas desempenham um papel indispensável no acesso à saúde da população brasileira e na oferta de serviços especializados no Sistema Único de Saúde

Nísia Trindade,
ministra da Saúde

“

Somente através de ações fraternas e de solidariedade podemos construir um mundo mais justo e humano

Mirocles Vêras,
presidente da CMB

“

Independentemente do meu futuro político, as Santas Casas sempre estarão em meu coração

Antonio Brito,
deputado federal e presidente da Frente Parlamentar de Apoio às Santas Casas e Hospitais Filantrópicos

“

De ponta a ponta do Rio Grande nós fomos afetados. Mas nenhum dos nossos hospitais fechou as portas para acolher as pessoas que mais precisaram

Vanderli de Barros,
presidente da Federação das Santas Casas e Hospitais Benéficos, Religiosos e Filantrópicos do RS

“

Não podemos mais remunerar apenas por procedimentos; precisamos adotar um modelo de cuidado integral, focado em resultados que beneficiem os pacientes de forma eficiente e sustentável

Adriano Massuda,
secretário de Atenção Especializada do Ministério da Saúde

“

Precisamos avançar para as macrorregiões de saúde, criando estruturas supramunicipais e infraestaduais para implantar o planejamento de forma adequada

Rasivel dos Reis S. Júnior,
secretário de Estado da Saúde de Goiás e representante do Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS)

“

A saúde é quem mais produz dados e quem menos tem informação

Hisham Mohamad Hamida,
presidente do Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde

“

Precisamos mesmo olhar as operadoras filantrópicas de maneira diferente e estimular a exploração de novos formatos de negócios

Paulo Rebello Filho,
diretor-presidente da ANS

“

Eu tenho evidências claras de que o SUS é subfinanciado e de que faltam recursos, mas não adianta pensar em colocar mais dinheiro sem uma estratégia e boas práticas para combater os desperdícios e melhorar o desempenho

Marcelo Chaves Aragão,
Auditor Chefe da Unidade de Auditoria Especializada em Saúde do Tribunal de Contas da União (TCU)

“

Precisamos buscar o valor em saúde, colocando o paciente no centro da assistência e oferecendo o cuidado certo para a pessoa certa com os recursos certos

Renato Couto,
presidente do Grupo IAG Saúde e cofundador da plataforma Valor Saúde

“

O financiamento tem que servir para aprimorar o sistema como um todo

Fabrício Gaeede,
Presidente da Federação dos Hospitais Filantrópicos do Estado do Espírito Santo – FEHOFES

“

A Justiça do Trabalho, muitas vezes, não tem considerado as nuances da decisão do STF [em relação ao piso de enfermagem] e a realidade das entidades sem fins lucrativos, gerando um cenário de incertezas e dificuldades financeiras

Paulo Sávio N. P. Maia,
sócio do Sérgio Bermudes Advogados

“

Se a gente não tiver uma tributação neutra, não vamos usufruir da imunidade plena que é garantida pela Constituição Federal

Flavia Regina Oliveira,
sócia do Mattos Filhos Advogados

“

Construir uma organização sustentável tem menos a ver com contratar bons ou maus profissionais e mais em desenhar contextos organizacionais que extraiam o melhor das pessoas

Cláudia Pitta,
sócia fundadora na Evolure Consultoria

“

A primeira tarefa da gestão eficaz tem a ver com a autogestão, liderar a si mesmo

Larissa Faria Trolesi,
head de Negócios e Inovação do IPECONT

“

A medicina preditiva, potencializada pela IA, pode revolucionar o atendimento, mas somente se soubermos equilibrar eficiência com empatia

Gil Giardelli,
palestrante e professor de Inovação e IA

“

Antes de pensar em robôs ou soluções avançadas, é fundamental reorganizar processos e equipes para que os avanços sejam efetivamente incorporados à cultura organizacional

Sandro Marchette,
CIO e Head de Inovação da Fundação São Francisco Xavier



“

Tratar a inovação como um pilar estratégico é essencial para atrair novas gerações de profissionais de saúde, que buscam ambientes inovadores e desafiadores

Giovanni Cerri,
presidente do Conselho de Administração do Instituto Coalizão Saúde

“

Para incorporar tecnologia com eficiência é preciso fazer uma avaliação interna da maturidade tecnológica, da obsolescência de equipamentos e da qualificação dos gestores

Vitor Ferreira,
presidente da Associação Brasileira de CIO Saúde (ABCIS)

“

A comunidade local participa ativamente das nossas decisões [em inovação], inclusive no financiamento de projetos

Esla Lessa Borba,
diretora geral do hospital Padre Máximo

“

É fundamental que as instituições tenham uma estratégia clara de captação de recursos e saibam como usar essas ferramentas de forma eficiente

Marina M. Loures Coelho,
diretora de Inovação e Transformação Digital na ABGI BRASIL

“

Os fundos de impacto social buscam cada vez mais projetos que unam sustentabilidade financeira com resultados positivos para a sociedade

Carlos de C. P. Braga,
coordenador do Centro de Referência em ESG da Fundação Dom Cabral

“

A nossa estratégia de responsabilidade social não se limita a doar recursos, mas a garantir que esses investimentos tenham um impacto positivo sustentável e duradouro nas comunidades onde operamos

Carolina Tolosa,
coordenadora de Responsabilidade Social Corporativa da Bayer

“

O sucesso da captação de recursos depende da criação de projetos coerentes com as necessidades institucionais e de um processo estruturado

Marco Calderon,
diretor geral no Hospital Nossa Senhora Auxiliadora /MS

“

A CMED nº 2/2018 estabeleceu limites claros, impedindo que os hospitais cobrem valores superiores aos preços de aquisição dos medicamentos

Teresa Gutierrez,
sócia do escritório Machado Nunes Advogados

“

Vivemos [na saúde suplementar] um sistema fragmentado e ineficiente, onde o foco está na competição por usuários e não na eficiência dos serviços prestados

Fernando Rocha,
diretor Comercial da Pronep Life Care e Founder da Rock'n Health

“

O [departamento] jurídico moderno precisa ser ativo, dinâmico e capaz de atuar de forma preventiva, antecipando problemas e propondo soluções que protejam a instituição de riscos ocultos

Josenir Teixeira,
especialista em direito do terceiro setor e em questões jurídicas na saúde

“

A incorporação é importante, mas ainda temos grandes lacunas na fase inicial do tratamento do câncer

José B. C. Carvalheira,
coordenador geral da Política Nacional de Prevenção e Controle do Câncer do Ministério da Saúde

“

Hoje, falamos de incorporação de novas tecnologias, mas continuamos lidando com filas enormes, falta de acesso e tratamentos desatualizados

Pascoal Marracini,
presidente da Associação Brasileira de Instituições Filantrópicas de Combate ao Câncer (ABIFICC)

“

A judicialização, embora necessária em alguns casos, atrapalha a política pública de saúde, desestruturando o orçamento e a ordem de atendimento

Inês Thomé P. Taddei,
promotora de Justiça Cível da Área da Saúde no Ministério Público Estadual/ES

“

Apesar da alta recente [no número de beneficiários de planos de saúde], a variação média nos últimos dez anos é menos expressiva, com períodos de estagnação

Luís Fernando V. Joaquim,
líder da prática de Life Sciences & HealthCare na Deloitte

“

Não pensem que vamos retornar aos 75% de sinistralidade. As operadoras devem se preparar para desenvolver meios de otimizar os seus processos

Marcelo Coury,
MCA HEALTH TC LTDA.

“

Nós [operadoras filantrópicas] somos uma anomalia no sistema

Flaviano Feu Ventorim,
vice-presidente da CMB

“

A ANS exige que as operadoras cubram praticamente qualquer prescrição médica [para TEA], com raras exceções que podem ser concedidas judicialmente

Mauro Couri,
superintendente operacional da Unimed Fesp

“

Quem usa [a saúde suplementar] não decide, quem paga não usa, e quem decide não paga

Amândio Fernandes,
presidente do Grupo Orizonti



“

Precisamos [na saúde suplementar] de incentivos financeiros que promovam o engajamento do beneficiário, integração de dados com a rede externa, avaliação do custo evitável por medidas preventivas, dados sobre saúde populacional e remuneração por desempenho

Nicolas Carvalho,
gerente de Atenção Primária
na Fundação São Francisco
Xavier

“

A saúde suplementar está estagnada e enfrenta desafios que já eram conhecidos há mais de duas décadas. Estamos no que parece um beco sem saída

Adriano Londres,
sócio fundador da
Arquitetos da Saúde

“As Santas Casas de Misericórdia, Hospitais e Entidades Filantrópicas compõem uma parcela substantiva e indispensável da rede de atendimento em serviços de saúde do nosso país. O setor responde, todos os anos, por metade dos procedimentos de média complexidade realizados no Brasil e por cerca de 70% dos procedimentos de alta complexidade.

Portanto, cuidar da saúde econômico-financeira desse importante setor é zelar pela manutenção de serviços essenciais à saúde do povo brasileiro. Reconhecendo essa realidade, o Senado Federal aprovou, em 2023, um projeto de lei que determina a revisão anual dos valores de remuneração dos serviços prestados ao SUS pelas santas casas e hospitais filantrópicos. Trata-se de uma grande conquista, fruto de antigas e justas reivindicações do setor. Sei que podemos contribuir ainda mais neste sentido”.

Rodrigo Pacheco,
presidente do Senado Federal durante
discurso no jantar da CMB

“O direito à saúde está inscrito na Constituição Federal como direito fundamental de todos os cidadãos. As Santas Casas de Misericórdia desempenham papel determinante na efetivação desse direito. Instituições como as Santas Casas fornecem atendimento médico gratuito ou de baixo custo para a parcela mais vulnerável da população brasileira e alcançam espaços onde o acesso à saúde pública é limitado, garantindo que milhões de brasileiros recebam cuidado e sejam tratados com dignidade”.

“Por isso, um compromisso que assumi ao longo de todos os meus mandatos é o de assegurar que essas instituições recebam toda a atenção que merecem, porque sabemos que sua sustentabilidade continua sendo um grande desafio. Nunca deixaremos de atender as Santas Casas, que são verdadeiras fortalezas de esperança para milhões de brasileiros. Que estas valorosas instituições sigam firmes no seu nobre propósito de existência”

Arthur Lira,
presidente da Câmara dos deputados durante
discurso no jantar da CMB

ABERTURA DO 32º CONGRESSO MOSTROU A IMPORTÂNCIA E A UNIÃO DOS FILANTRÓPICOS

“Vocês fazem a diferença no Brasil inteiro”, afirmou o vice-presidente Geraldo Alckmin para os gestores das Santas Casas e Hospitais Filantrópicos

“É com imensa satisfação que abro oficialmente o 32º Congresso Nacional das Santas Casas e Hospitais Filantrópicos, um dos maiores eventos do setor de saúde do Brasil”, anunciou o presidente da CMB, Mirocles Vêras, no início da noite de 13 de agosto, para um auditório lotado de gestores, especialistas e autoridades. Ele agradeceu a todos por estarem ali e, de início, destacou o papel das Federações, enfatizando sua conexão com a realidade dos hospitais e a sua capacidade de promover a união entre as instituições para o progresso do segmento. Vêras saudou os gestores e todos os colaboradores da rede filantrópica. “O compromisso de vocês é que permite seguirmos oferecendo assistência de qualidade aos brasileiros”, reconheceu. E expressou satisfação pela presença do vice-presidente Geraldo Alckmin, “um parceiro histórico das nossas causas”, que simbolizou naquele momento toda a

importância das Santas Casas e hospitais filantrópicos para o país.

O presidente da CMB destacou a programação do 32º Congresso, conectada com os desafios atuais e as perspectivas para o futuro da saúde, e construída a partir de uma visão plural, com ingredientes de todos os estados e um tema que une a todos: Ações e Caminhos para a Transformação. “Nos próximos dois dias, vamos discutir uma nova abordagem e formas de promover a inovação e as boas práticas com foco em qualidade, sustentabilidade, performance e, principalmente, na humanização do atendimento. Tenho certeza de que todos sairemos daqui com novas ideias e ferramentas para seguir construindo um sistema de saúde mais justo e eficiente para todos.”, antecipou.

Antes dele, Vanderli de Barros, presidente da Federação das Santas Casas e Hospitais Benéficos, Religiosos e Filantrópicos do RS, abriu os discursos expressando a gratidão do povo gaúcho e das instituições de saúde do Estado pelo apoio recebido de todo o Brasil durante a tragédia do início do ano. “Amigos e amigas do país inteiro que nos abraçaram”, disse, em reconhecimento à solidariedade demonstrada pelos brasileiros.

Ela destacou a união e o trabalho conjunto de hospitais, profissionais de saúde, governos e organizações para salvar vidas e garantir o atendimento à população afetada. “De ponta a ponta do Rio Grande nós fomos afetados. Mas nenhum dos nossos hospitais fechou as portas para acolher as pessoas

que mais precisaram”, afirmou, emocionada. Vanderli reforçou o compromisso da rede filantrópica em continuar prestando serviços de excelência e qualidade, e agradeceu novamente a todos que contribuíram para a superação da crise. “Juntos, e sempre juntos, para atender e cuidar da nossa população”, concluiu, sob aplausos.

Em seguida, o deputado federal e presidente da Frente Parlamentar de Apoio às Santas Casas e Hospitais Filantrópicos, Antonio Brito, destacou os desafios enfrentados pelas instituições nos últimos anos, reforçando a importância da tramitação da Lei 14.820/2024, que garante o reajuste anual da remuneração recebida pelos serviços prestados ao SUS. “O projeto foi sancionado pelo presidente Lula em 16 de janeiro deste ano e hoje é uma lei, a 14.820”, comemorou, alertando, porém, para a necessidade urgente de regulamentação.

Brito também celebrou a aprovação do PLP 57, que busca aprimorar o trâmite das emendas parlamentares destinadas às Santas Casas, facilitando o acompanhamento e a fiscalização dos recursos. “É mais um projeto aprovado para valorizar as instituições e os serviços que prestamos à população”, avaliou. E finalizou expressando a sua gratidão, afirmando que “independentemente do meu futuro político, as Santas Casas sempre estarão em meu coração”.

Em seguida, a CMB – acompanhada por ABIMO, CN-SAÚDE, FBH e Fehoesp – ofereceu uma homenagem ao vice-presidente Geraldo Alckmin. A entrega de uma placa enfatizou o compromisso do homenageado com o setor de saúde, especialmente com as Santas Casas, e sua atuação como médico e defensor do SUS. “Estamos diante de um homem de bem e do bem”, resumiu Francisco Balestrin, presidente da Fehoesp, falando pelas entidades.

Alckmin agradeceu e comentou que todos estavam reunidos naquele congresso para discutir o futuro de uma das grandes prioridades para o país. E lembrou o conceito de Seguridade Social, criado pela Constituição de 1988, que engloba previdência,

assistência social e saúde. “A saúde é um direito de todos, garantida de forma universal pelo Estado”, reforçou.

O vice-presidente recordou sua contribuição como relator da lei que regulamentou o SUS e estabeleceu a preferência pelas entidades filantrópicas na contratação dos serviços. E reconheceu o problema do subfinanciamento, que atribuiu especialmente à falta de correção da tabela de procedimentos. “Por isso foi importante a aprovação da Lei 14.820”, reforçou.

Alckmin alertou para os grandes desafios do sistema de saúde, como o envelhecimento da população, a mudança epidemiológica e a incorporação de novas tecnologias, e, mais uma vez, acentuou a importância do financiamento adequado para a sustentabilidade da assistência de qualidade. “E podem contar sempre comigo, pois sou um admirador do trabalho de cada um de vocês. Vocês fazem a diferença no Brasil inteiro”, finalizou.

JANTAR

A abertura do 32º Congresso seguiu em um jantar em que o ponto alto foi a homenagem da CMB e da Câmara dos Deputados ao Padre José Linhares Ponte. Ex-presidente da CMB e da Confederação Internacional das Misericórdias, Padre Zé, aos 93 anos, continua atuante e inspirando a evolução da rede filantrópica. Uma comenda especial simbolizando seu protagonismo foi entregue por Arthur Lira, presidente da Câmara dos Deputados, Mirocles Vêras Neto, presidente da CMB, e o deputado Antonio Brito, presidente da Frente Parlamentar de Apoio às Santas Casas e Hospitais Filantrópicos.

O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, e a ministra da Saúde, Nísia Trindade, além de diversos parlamentares, autoridades e gestores hospitalares de todo o país também estiveram presentes. Todos juntos em uma grande demonstração de união e integração da cadeia produtiva da saúde, reforçando o compromisso com uma assistência de qualidade para cada vez mais brasileiros.



EFICIÊNCIA HOSPITALAR: SOLUÇÕES E ESTRATÉGIAS PARA UMA GESTÃO SUSTENTÁVEL

Uma análise sobre os meios de controle direcionado para a eficiência e efetividade, em busca de soluções e estratégias para superar os desafios de uma gestão sustentável

A busca por uma gestão hospitalar eficiente e sustentável foi tema recorrente do 32º Congresso Nacional das Santas Casas e Hospitais Filantrópicos e um dos tópicos abordados foi como os processos de controle podem colaborar nesse sentido. Para ilustrar essa relação, o Auditor Chefe da Unidade de Auditoria Especializada em Saúde do Tribunal de Contas da União (TCU), Marcelo Chaves Aragão, fez uma apresentação baseada no projeto “Eficiência na Saúde”, do TCU, que propõe um órgão controlador que, mais do que fiscalizar, atua para promover a performance dos serviços. “Eu tenho evidências claras de que o SUS é subfinanciado e de que faltam recursos, mas não

adianta pensar em colocar mais dinheiro sem uma estratégia e boas práticas para combater os desperdícios e melhorar o desempenho”, afirmou Aragão. Ele lembrou de um estudo do TCU que projeta o crescimento do déficit do SUS de R\$ 31 bilhões, em 2017, para mais de R\$ 50 bilhões, em 2030. E argumentou que a única alternativa para alcançar a sustentabilidade é uma solução que combine aumento de orçamento com a gestão mais eficiente dos gastos.

Além das planilhas financeiras, o auditor fez questão de destacar que o TCU também está olhando para a qualidade da assistência. “Entendemos que não se trata apenas de custos, mas de entregar valor para o paciente e os familiares, de promover a sua experiência. Então, estamos concentrados principalmente em verificar se o hospital está produzindo o que deveria produzir, e não apenas se está gastando mais do que deveria”, explicou. Com essa perspectiva, os auditores se tornaram parceiros dos gestores, compartilhando conhecimentos e metodologias, desenvolvendo indicadores e capacitando profissionais. “De fato, hoje utilizamos as prerrogativas de controle para aprimorar a administração pública”, esclareceu, adiantando que até o final de 2025 espera colaborar para que a eficiência média dos hospitais aumente em 30%. “É uma meta ambiciosa, mas

estamos trabalhando nisso”, garantiu.

Na sequência, o Presidente do Grupo IAG Saúde e cofundador da plataforma Valor Saúde, Renato Couto, comemorou o novo ambiente em que os órgãos de controle juntaram esforços para promover a eficiência hospitalar. E concordou que “o subfinanciamento é um fato inegável, mas existe um dever de casa que as instituições precisam fazer”.

Nesse sentido, continuou, a CMB assumiu a responsabilidade e está propondo um caminho transformador aos hospitais filantrópicos com o projeto Focus DRG Brasil. “Com essa iniciativa, a confederação construiu as duas pernas para a caminhada. A perna da luta pelo financiamento, justa e correta, e uma outra que vai avaliar a situ-

ação interna e focar na eficiência”, resumiu.

Couto enfatizou que diminuir custos na saúde é algo improvável, pois a natureza da atividade exige investimentos crescentes, então é preciso combater os desperdícios e os gastos desnecessários que, no SUS, consomem quase metade de todos os recursos disponíveis. “Precisamos buscar o valor em saúde, colocando o paciente no centro da assistência e oferecendo o cuidado certo para a pessoa certa com os recursos certos”, definiu.

Fabício Gaeede, Presidente da Federação dos Hospitais Filantrópicos do Estado do Espírito Santo – FEHOFES, concordou com os colegas sobre a necessidade de aumentar a eficiência, mas destacou que esse objetivo também está associado ao modelo de financiamento.



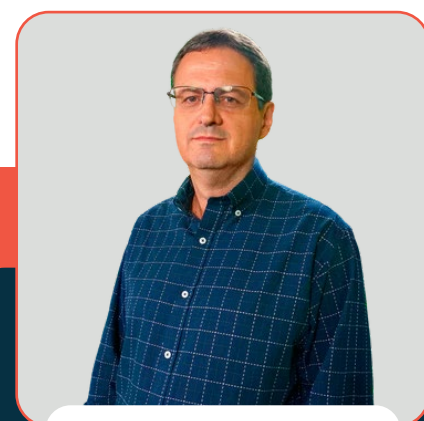
“Então, gostaria de fazer uma provocação. O que é um financiamento justo para as instituições filantrópicas, que permita assistência de qualidade, acesso e sustentabilidade econômica? Bem, no mínimo, ele deve remunerar pelos custos dos serviços prestados”, argumentou. Mas, completou, tem que ir além disso. “Tem que proporcionar um equilíbrio que permita a entrega de novos serviços, a expansão do acesso e a melhoria da infraestrutura. E, da mesma maneira, permita investir na melhoria da gestão”, explicou.

Como exemplo, ele apresentou o modelo de relacionamento que as instituições do Espírito Santo pactuaram com o governo e os parlamentares do Estado. “Fomos capazes de convencer nossos parceiros de que os investimentos precisam ir, pelo menos de início, para a melhoria e não para a expansão da assistência”, revelou. Com isso, emen-

das parlamentares que, em geral, eram utilizadas em obras, acabaram destinadas para aprimorar as metodologias.

Gaeede contou como foram estabelecidos metas e um período de maturação para a avaliação de resultados e que, dessa maneira e após um tempo, os hospitais demonstraram que é possível aumentar a capacidade de atendimento sem construir novas unidades. “E, em aproximadamente um ano e meio, passamos de dois para seis hospitais acreditados pela ONA. Então, o financiamento tem que servir para aprimorar o sistema como um todo”, finalizou.

A palestra teve a moderação de Welfane Cordeiro Junior, Mestre Doutor Especialista em Terapia Intensiva e consultor para melhoria de fluxos hospitalares em hospitais brasileiros.



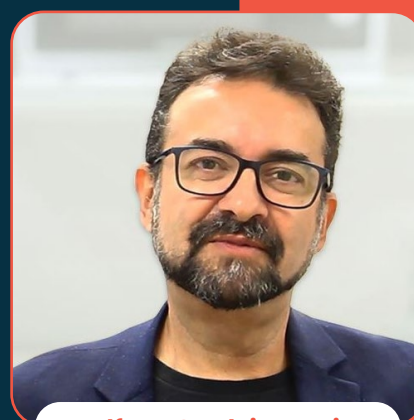
Marcelo Chaves Aragão



Renato Couto



Fabrício Gaeede



Welfane Cordeiro Junior

Palestrantes:

Marcelo Chaves Aragão

Auditor Chefe da Unidade de Auditoria Especializada em Saúde do Tribunal de Contas da União.

Renato Couto

Presidente do Grupo IAG Saúde e cofundador da plataforma Valor Saúde.

Fabrício Gaeede

Presidente da Federação dos Hospitais Filantrópicos do Estado do Espírito Santo - FEHOFES.

Moderação:

Welfane Cordeiro Junior

Mestre Doutor Especialista em Terapia Intensiva e consultor para melhoria de fluxos hospitalares em hospitais brasileiros



DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA GESTÃO HOSPITALAR

Com foco jurídico, o painel debateu os impactos do Piso da Enfermagem e da Reforma Tributária para a rede filantrópica

O painel “Desafios contemporâneos da gestão hospitalar”, moderado pela Vice-Presidente do Conselho Consultivo da CMB, Tereza Campos, propôs uma análise prática sobre questões de grande impacto nessa área e, com a presença de dois advogados, detalhou mudanças na legislação com potencial para influenciar de maneira relevante os serviços de saúde, inclusive a rede filantrópica.

Paulo Sávio Nogueira Peixoto Maia, sócio do Sérgio Bermudes Advogados, destacou a complexa questão da constitucionalidade do Piso Nacional da Enfermagem, traçando um panorama dos desafios e as controvérsias que cercam a sua implementação. O advogado destacou a tramitação apressada da lei e a

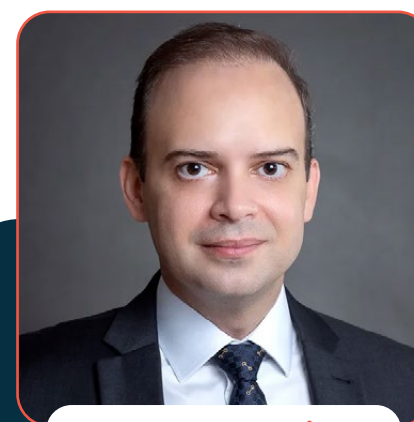
falta de um debate aprofundado sobre os seus efeitos, o que resultou em uma série de problemas. “Uma proposição legislativa que começa assim tem tudo para dar errado”, resumiu. Maia ressaltou a atuação do Supremo Tribunal Federal (STF) e do Congresso Nacional diante da questão, lembrando que o STF, em decisão cautelar, reconheceu problemas na Lei, como o vício de iniciativa e a criação de despesas sem a devida fonte de financiamento. O Congresso, continuou, tentou remediar com a Emenda Constitucional 127/2022, que previu a assistência financeira complementar da União. “No entanto, a solução se mostrou incompleta e gerou novos desafios, como a equiparação entre estados, municípios e filantrópicos, e a falta de clareza quanto aos encargos trabalhistas”, avaliou.

O advogado alertou para a “tempestade perfeita” causada pela situação, com o aumento das reclamações trabalhistas e a insegurança jurídica. “A Justiça do Trabalho, muitas vezes, não tem considerado as nuances da decisão do STF e a realidade das entidades sem fins lucrativos, gerando um cenário de incertezas e dificuldades financeiras”, afirmou. E sugeriu

mais diálogo e clareza para mitigar os impactos da Lei e superar a crise.

Flávia Regina Oliveira, sócia do Mattos Filho Advogados, veio em seguida para explorar a reforma tributária e seus reflexos para os filantrópicos. A especialista revelou que a grande mudança reside na tributação do consumo, com a substituição de impostos como ISS, ICMS, PIS, Cofins e IPI por novos tributos: IBS e CBS. “Uma grande vitória para as organizações sem fins lucrativos foi a manutenção da imunidade tributária para saúde, educação e assistência social, dispensando a certificação do CEBAS para fins de CBS”, informou.

Por outro lado, a palestrante destacou pontos de atenção, como a possível oneração dos filantrópicos por causa da anulação de créditos na cadeia de fornecedores. “Se a gente não tiver uma tributação neutra, não vamos usufruir da imunidade plena que é garantida pela Constituição Federal”, alertou, defendendo a busca pela revisão da regra. “A reforma, que entrará em vigor em 2026 com um longo período de transição até 2033, exigirá atenção e adaptação por parte de todas as organizações de saúde, sobretudo das Santas Casas e hospitais filantrópicos”, finalizou.



Paulo S. N. P. Maia



Flávia Regina Oliveira

Palestrantes:

Paulo Sávio Nogueira Peixoto Maia

Sócio do Sérgio Bermudes Advogados

Flávia Regina Oliveira

Sócia do Mattos Filho Advogados

Moderação:

Tereza Campos

Vice-Presidente do Conselho Consultivo da Confederação das Santas Casas de Misericórdia, Hospitais e Entidades Filantrópicas – CMB



Tereza Campos



A EXCELÊNCIA EM GESTÃO DE PESSOAS: COMO LÍDERES DE IMPACTO CONSTROEM OS MELHORES HOSPITAIS PARA SE TRABALHAR

Cultura organizacional e liderança adequada às transformações da saúde são fundamentais para garantir a excelência na gestão hospitalar

No painel “A Excelência em gestão de pessoas: Como líderes de impacto constroem os melhores hospitais para se trabalhar”, conduzido pela Diretora Executiva na IBES e Membro da Comissão Científica CMB 2024, Vivian Giudice, duas especialistas trouxeram perspectivas complementares sobre os desafios e soluções para melhorar a governança e a gestão de pessoas nos hospitais filantrópicos. Claudia Pitta, sócia fundadora da Evolure Consultoria, e Larissa Faria Trolesi, Head de Negócios e Inovação do IPECONT, apresentaram dados e experiências para demonstrar a importância de aliar diferentes abordagens e processos para criar ambientes sustentáveis e eficientes, essenciais no segmento hospitalar.

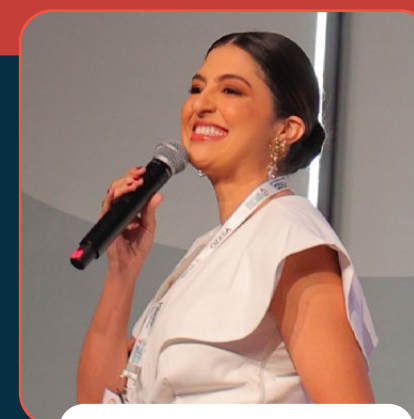
Pitta iniciou sua fala ressaltando a importância dos três pilares para o sucesso de instituições de todos os tipos: estratégia, governança e cultura organizacional. “Qualquer fragilidade em um desses alicerces acaba comprometendo os resultados”, alertou. E, principalmente no segmento filantrópico, acrescentou, a boa governança deve ultrapassar as formalidades burocráticas. “Tem que promover decisões éticas e responsáveis, ponderando os interesses de todas as partes envolvidas”, explicou.

A especialista também destacou a importância de uma cultura organizacional sólida, afirmando que “a cultura tóxica extrai o pior das pessoas”. Para ela, a criação de um ambiente saudável e ético depende de líderes conscientes, capazes de conduzir as equipes para a excelência. “Construir uma organização sustentável tem menos a ver com contratar pessoas boas ou más e mais em desenhar contextos organizacionais que extraiam o melhor das pessoas”, encerrou.

Larissa Faria Trolesi seguiu abordando como a liderança de alto impacto pode impulsionar pessoas e processos na direção dos melhores resultados, e reforçou a importância de ações práticas e cotidianas para conectar os líderes e as equipes, lembrando que “o óbvio precisa ser dito, e várias vezes”, para garantir que todos estejam alinhados com os objetivos e propósitos.

Trolesi trouxe o conceito de “liderança ambidestra”, que equilibra habilidades técnicas e emocionais para criar times colaborativos e criativos. Sublinhou que o líder deve estar preparado para lidar com a complexidade das mudanças tecnológicas e culturais, e ensinou como começar: “A primeira tarefa da gestão eficaz tem a ver com a autogestão, liderar a si mesmo”, resumiu.

Por fim, Larissa provocou os presentes a refletirem sobre suas práticas e ofereceu dicas, como o estabelecimento de rituais de gestão, feedbacks regulares e reuniões bem estruturadas. E concluiu que “fazer o básico bem-feito” é primordial para alcançar a eficiência, e que pequenas ações gerenciais, quando bem estruturadas, podem ter impacto profundo na evolução das instituições filantrópicas.



Larissa Faria Trolesi



Cláudia Pitta

Palestrantes:

Larissa Faria Trolesi

Head de Negócios e Inovação do IPECONT.

Cláudia Pitta

Sócia fundadora na Evolure Consultoria.

Moderação:

Vivian Giudice

Diretora Executiva na IBES e Membro da Comissão Científica CMB 2024.



Vivian Giudice

A DINÂMICA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E SUA RELAÇÃO COM O CAPITAL HUMANO DA INSTITUIÇÃO DE SAÚDE

IA tem potencial transformador para a saúde, desde que os profissionais de saúde estabeleçam uma relação ética e produtiva com a nova tecnologia

Gil Giardelli, palestrante e professor de Inovação e IA, abriu sua apresentação no 32º Congresso Nacional das Santas Casas e Hospitais Filantrópicos sublinhando o momento de transição tecnológica sem precedentes que estamos vivendo, especialmente com a ascensão da inteligência artificial (IA). E explicou que essa inovação não deve ser vista como um substituto para o trabalho humano, “mas sim como uma ferramenta poderosa para ampliar o potencial das pessoas”.

O especialista afirmou que o uso ético e consciente da IA tem potencial para levar os hospitais a um novo patamar de eficiência e cuidado a partir de uma convivência harmoniosa entre o humano e a máquina. E compartilhou exemplos de como a tecnologia aprimorou o uso de robôs em cuidados paliativos e na reabilitação de pacientes com Alzheimer, por exemplo, promovendo a qualidade de vida para os pacien-

tes. “Robôs como a Pepper estão ajudando em processos de reabilitação cognitiva e física, trazendo evolução para o tratamento de doenças”, explicou.

Provocado pela moderadora Juliana Salvático Vicente, Head de negócios do portfólio de saúde da Informa Markets Latam, Giardelli ponderou que a incorporação da IA também traz desafios complexos, principalmente no que se refere à adaptação dos profissionais, que precisam ser preparados para trabalhar com as novas ferramentas no aspecto operacional e ético, especialmente no que diz respeito à privacidade de informações de diagnósticos e predições, além de todas as tomadas de decisões. “eticamente é preciso vigilância rigorosa para não comprometer a confiança que os pacientes depositam nas instituições de saúde”, alertou, ressaltando que o uso inadequado pode gerar mais desigualdade do que progresso para a assistência.

Ele ainda acrescentou que o sucesso da integração entre IA e as pessoas depende de uma nova perspectiva das lideranças, uma mentalidade inovadora que valorize tanto a tecnologia quanto a humanização dos cuidados. “A medicina preditiva, potencializada pela IA, pode revolucionar o atendimento, mas somente se soubermos equilibrar eficiência com empatia”, finalizou.



Gil Giardelli

Palestrantes:

Gil Giardelli

Palestrante e professor de Inovação e IA.

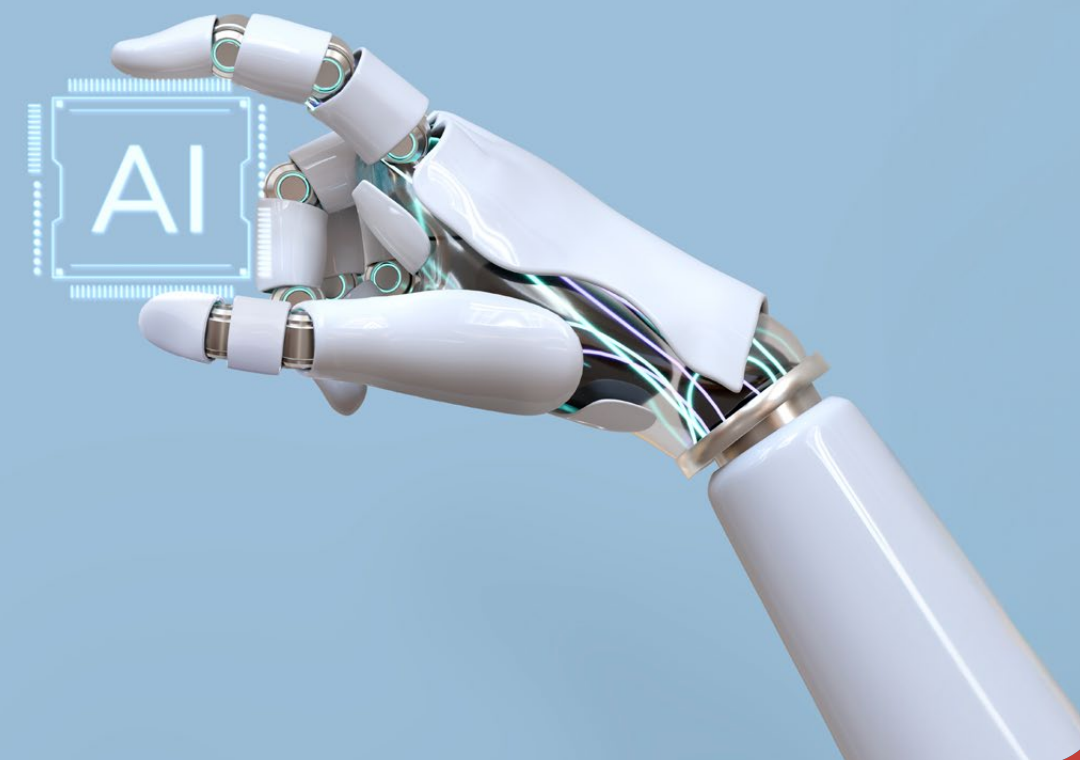
Moderação:

Juliana Salvático Vicente

Head de negócios do portfólio de saúde da Informa Markets Latam.



Juliana S. Vicente



INOVAÇÃO NOS HOSPITAIS FILANTRÓPICOS: UM DEBATE SOBRE ESTRATÉGIAS E BOAS PRÁTICAS

Estratégia, planejamento e cultura organizacional são fundamentais para o sucesso da incorporação de tecnologia

A inovação é mais do que uma ferramenta para aprimorar processos, ela é um caminho essencial para a sustentabilidade. Em geral, foi isso o que demonstraram os palestrantes desse painel, moderado por Sônia Poloni, Líder da Vertical Saúde da Added Tecnologia e Membro da Comissão Científica CMB 2024, ao apresentarem soluções e práticas de gestão que estão revolucionando a assistência em todo o país. De grandes hospitais a instituições menores, todos compartilham a necessidade de incorporar novas tecnologias para otimizar recursos e promover a qualidade e a eficiência dos serviços.

Sandro Marchette, CIO e Head de Inovação da Fundação São Francisco Xavier, destacou a importância de uma abordagem interna e cultural para a inovação, sem focar apenas em tecnologias disruptivas. Ele ressaltou que, antes de pensar em robôs ou soluções avançadas, é fundamental reorganizar processos e equipes para que os avanços sejam efetivamente incorporados à cultura

organizacional. “Reestruturamos as áreas de tecnologia e de dados para garantir uma visão integrada, promovendo a colaboração mais próxima entre diferentes setores e ajustando a dinâmica de inovação segundo as necessidades internas”, explicou.

Giovanni Cerri, presidente do Conselho de Administração do Instituto Coalizão Saúde, apresentou a experiência do Hospital das Clínicas com seu Núcleo de Inovação Tecnológica, o Inova HC. A organização do maior complexo hospitalar da América Latina, integra a inovação como um de seus pilares estratégicos, ao lado da assistência, educação e pesquisa. “Essa abordagem é essencial para atrair novas gerações de profissionais de saúde, que buscam ambientes inovadores e desafiadores”, enfatizou. Ele também destacou a importância de parcerias público-privadas e a criação de programas de aceleração de startups, como parte de uma estratégia mais ampla nessa área.

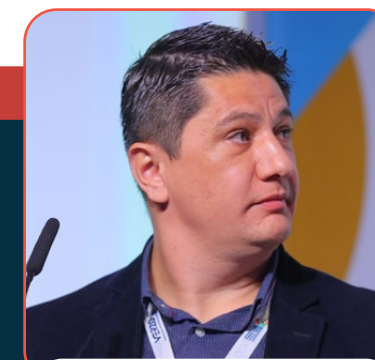
Vitor Ferreira, presidente da Associação Brasileira de CIO Saúde (ABCIS), trouxe uma perspectiva prática para os hospitais, especialmente os que enfrentam desafios orçamentários. “É preciso fazer uma avaliação interna da maturidade tecnológica, da obsolescência de equipamentos e da qualificação dos gestores”, recomendou. Com base nesses fatores, ele apresentou um framework que permite traçar um roadmap para a implementação de inovações, garantindo uma integração eficiente entre as tecnologias existentes e as futuras.

Esla Lessa Borba, diretora geral do Hospital Padre Máximo, compartilhou a experiência de um hospital filantrópico de médio porte que, apesar dos recursos limitados, conseguiu integrar a comunidade em suas estratégias de inovação. O hospital implementou soluções de baixo custo, como um sistema de monitoramento clínico que reduziu

drasticamente o tempo de resposta para pacientes com agravamento clínico. “Hoje, a população local participa ativamente das nossas decisões, inclusive no financiamento de projetos como a construção de uma usina fotovoltaica, que resultou em economia de energia e maior investimento em áreas prioritárias”, finalizou.



Vitor Ferreira



Sandro Marchette



Giovanni Cerri

Palestrantes:

Vitor Ferreira

Presidente da Associação Brasileira CIO Saúde/ABCIS.

Sandro Marchette

CIO/CDIO - Head de Inovação e Tecnologia de Informação.

Giovanni Cerri

Presidente do Conselho de Administração Instituto Coalizão Saúde.

Esla Lessa Borba

Diretora geral do Hospital Padre Máximo/ ES.

Moderação:

Sônia Poloni

Líder da Vertical Saúde da Added Tecnologia e Membro da Comissão Científica CMB 2024.



Esla Lessa Borba



Sônia Poloni

SUSTENTABILIDADE E CAPTAÇÃO DE RECURSOS: ESTRATÉGIAS DE IMPACTO PARA HOSPITAIS FILANTRÓPICOS

Como atrair financiamento privado por meio de iniciativas inovadoras e ESG, conectando-se a investidores e gerando impacto social, ambiental e econômico

O painel “Sustentabilidade e novos formatos para captação de recursos: Estratégias para Hospitais Filantrópicos”, discutiu formas de financiamento privado por meio de parcerias que alinham interesses empresariais a iniciativas com impacto social e ambiental. Os especialistas, apresentados pela Diretora Executiva Hospital Sapiranga/RS e Membro da Comissão Científica CMB 2024, Elita Herrmann, também abordaram estratégias para a criação de um portfólio de projetos que possam atrair investidores em saúde, destacando a relevância dos princípios ESG. Marina Machado Loures Coelho, diretora de Inovação e Transformação Digital na ABGI BRASIL, abriu o painel com uma visão ampla sobre as oportunidades para inovação e sustentabilidade. “É essencial entender que hoje, mais do que nunca, o governo e as empresas estão olhando para o médio e longo prazo quando falamos de investimentos nessa área. Transformação digital e ESG têm grande potencial para captar esses recursos”, destacou.

Ela enfatizou o papel das agências de fomento, como o BNDES e a FAPESP, além dos incentivos fis-

cais, que podem ser grandes aliados para os hospitais, e mencionou que “é fundamental que as instituições tenham uma estratégia clara de captação e saibam como usar essas ferramentas de forma eficiente”. E ainda explicou sobre o papel das subvenções econômicas e financiamentos não reembolsáveis, lembrando a necessidade de combinar diferentes fontes para maximizar os benefícios.

Carlos de Camargo Penteado Braga, coordenador do Centro de Referência em ESG da Fundação Dom Cabral, reforçou a importância do alinhamento entre os projetos e os princípios ESG, que se tornaram essenciais para despertar a atenção de investidores. “Os fundos de impacto social buscam cada vez mais projetos que unam sustentabilidade financeira com resultados positivos para a sociedade”, explicou.

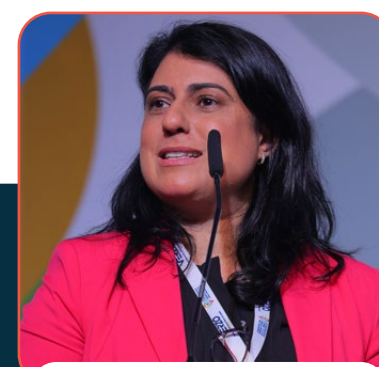
Ele apresentou exemplos práticos de como hospitais filantrópicos podem estruturar iniciativas que geram resultados financeiros, sociais e ambientais, fortalecendo a relação com os patrocinadores. “A capacidade de captar recursos depende diretamente de como as iniciativas estão alinhadas às necessidades do mercado e à sustentabilidade a longo prazo”, resumiu.

Carolina Tolosa, coordenadora de Responsabilidade Social Corporativa da Bayer, destacou como a empresa integra inovação com impacto social em seus projetos de saúde e sustentabilidade, e está comprometida em promover acesso à saúde e

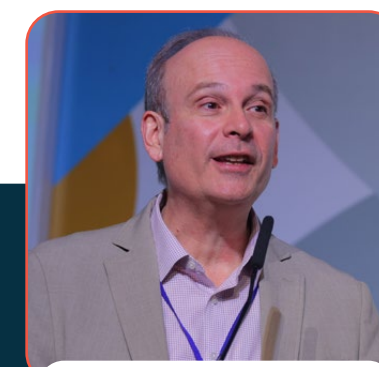
segurança alimentar em comunidades vulneráveis. “A nossa estratégia de responsabilidade social não se limita a doar recursos, mas a garantir que esses investimentos tenham um impacto positivo sustentável e duradouro nas comunidades onde operamos”, afirmou.

Marco Calderon, diretor geral do Hospital Nossa Senhora Auxiliadora em Mato Grosso do Sul, abordou

como captar recursos de forma estratégica. Ele explicou que o sucesso depende da criação de projetos coerentes com as necessidades institucionais e de um processo estruturado de captação, e destacou o uso de uma abordagem 360°, que inclui a análise do cenário de captação, a capacidade de absorção dos recursos, a administração eficaz desses recursos e a prestação de contas.



Marina Machado L. Coelho



Carlos de Camargo P. Braga



Carolina Tolosa

Palestrantes:

Marina Machado Loures Coelho

Diretora de Inovação e Transformação Digital na ABGI BRASIL.

Carlos de Camargo Penteado Braga

Coordenador do Centro de Referência em ESG da Fundação Dom Cabral.

Carolina Tolosa

Coordenadora de Responsabilidade Social Corporativa na Bayer.

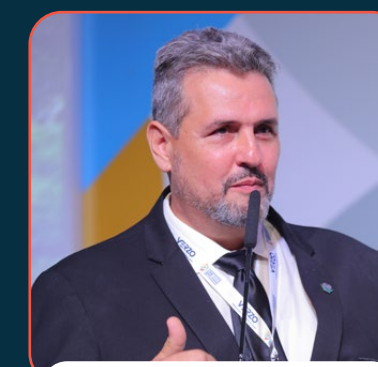
Marco Calderon

Diretor geral no Hospital Nossa Senhora Auxiliadora /MS.

Moderação:

Elita Herrmann

Diretora executiva Hospital Sapiranga/RS e Membro da Comissão Científica CMB 2024.



Marco Calderon



Elita Herrmann



AÇÕES E CAMINHOS PARA A TRANSFORMAÇÃO DO SUS

Gestores abordaram desafios como o subfinanciamento, a fragmentação da rede e a incorporação tecnológica para promover a transformação do sistema público

O painel “Ações e Caminhos para a Transformação do SUS”, moderado pelo Vice-Presidente da CMB, Flaviano Feu Ventorim, discutiu temas fundamentais para a evolução da assistência pública, como a necessidade de maior eficiência na gestão hospitalar, o impacto das desigualdades regionais no atendimento especializado e a urgência de incorporar tecnologias de forma sustentável. Com foco na regionalização, governança colaborativa e financiamento adequado, os palestrantes discutiram caminhos possíveis para superar esses desafios e fortalecer o SUS.

Adriano Massuda, secretário de Atenção Especializada do Ministério da Saúde, destacou a fragmentação entre os níveis de atenção e a segmentação dos cuidados por renda como problemas globais, agravados no Brasil pelas profundas desigualdades regionais. “Temos uma concentração de especialistas nas grandes cidades e no setor privado, o que perpetua a discrepância no acesso à saúde”, afirmou. Massuda ressaltou que a transformação do SUS passa pela melhor integração dos serviços com a atenção primária e pela gestão racional da incorporação de novas tecnologias, que, apesar de caras, são fundamentais para agregar valor ao sistema.

Ele também frisou a importância da transformação digital, como a telemedicina e a análise de dados, que podem ser ferramentas poderosas para organizar o cuidado e melhorar o atendimento, além do financiamento estratégico. “Não podemos mais remunerar apenas por procedimentos; precisamos adotar um modelo de cuidado integral, focado em resultados que beneficiem os pacientes de forma eficiente e sustentável”, concluiu.

Rasivel dos Reis Santos Júnior, secretário de Estado da Saúde de Goiás e representante do Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS), enfatizou a importância da regionalização. Ele ressaltou que o maior desafio é tirar as políticas do papel e implementá-las efetivamente nos territórios, envolvendo tanto municípios quanto estados. “Precisamos avançar para as macrorregiões de saúde, criando estruturas supramunicipais e infraestaduais para implantar o planejamento de forma adequada”, afirmou. Ele também mencionou a importância da definição de uma tipologia hospitalar, separando o atendimento de casos agudos e crônicos, para otimizar os recursos e evitar concorrência interna dentro dos hospitais.

O secretário também abordou a questão da eficiência hospitalar, apontando que, muitas vezes, os hospitais ficam “doentes” em seus processos, afetando tanto a prestação de serviços quanto a saúde dos profissionais. E defendeu uma melhor organização dos fluxos internos e a importância de hospitais filantrópicos atuarem como hubs regionais, promovendo autosuficiência nas macrorregiões. “A única resposta para

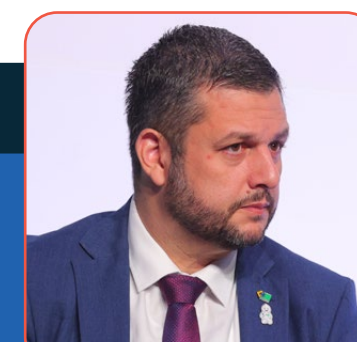
os nossos desafios é a busca pela eficiência”, reforçou. Além disso, ele chamou atenção para a necessidade de revisar os modelos de financiamento, como o fee-for-service, que não induz qualidade, propondo alternativas como a orçamentação global e o pagamento per capita ajustado.

Hisham Mohamad Hamida, presidente do Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (Conasems), chamou a atenção especialmente para o subfinanciamento e a desorganização da rede assistencial. Ele mencionou que, com o passar do tempo, os recursos destinados à saúde pública vêm caindo, agravando o problema orçamentário. Além disso, reforçou a dificuldade de planejar a saúde nos municípios meno-

res, onde a cobrança é mais direta e intensa. “A saúde é quem mais produz dados e quem menos tem informação”, comentou, referindo-se à necessidade de integrar melhor os sistemas de informação no SUS para melhorar o planejamento e a alocação de recursos. Ele também destacou a importância de utilizar a tecnologia para fortalecer o sistema de saúde, mencionando o papel crucial da inteligência artificial e argumentou que, para superar os desafios, é essencial haver diálogo e cooperação entre gestores e prestadores, além de um financiamento sustentável e políticas públicas que considerem as especificidades regionais e locais, garantindo, assim, uma equidade real no atendimento.



Adriano Massuda



Hisham M. Hamida



Rasivel dos R. S. Júnior

Palestrantes:

Adriano Massuda

Secretário de Atenção Especializada do Ministério da Saúde.

Hisham Mohamad Hamida

Presidente do Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde.

Rasivel dos Reis Santos Júnior

Secretário de Estado da Saúde do Goiás, representante do Conselho Nacional de Secretários de Saúde.

Moderação:

Flaviano Feu Ventorim

Vice-presidente da CMB



Flaviano F. Ventorim

ENCERRAMENTO DO 32º CONGRESSO NACIONAL DEMONSTRA UNIÃO NA JORNADA PARA A TRANSFORMAÇÃO

A ministra da Saúde, Nísia Trindade, e o presidente da CMB, Mirocles Vêras, reforçaram o compromisso pelo fortalecimento das Santas Casas e do sistema público de saúde

A cerimônia de encerramento do 32º Congresso Nacional das Santas Casas e Hospitais Filantrópicos celebrou o papel fundamental das instituições filantrópicas para o sistema de saúde brasileiro e a importância de uma integração cada vez maior para promover a transformação que o setor necessita. Nesse sentido, o presidente da CMB, Mirocles Vêras, e a ministra da Saúde, Nísia Trindade, reafirmaram a colaboração entre o governo e o segmento filantrópico, e o compromisso com o fortalecimento das Santas Casas, especialmente em um contexto de desafios econômicos e tecnológicos.

Vêras abriu a cerimônia comemorando o sucesso do evento e destacando os 1.400 participantes que circularam pelo congresso durante os três dias. Citou a presença de gestores e líderes do setor de todas as regiões, e alguns dos maiores experts em políticas e gestão de saúde do Brasil. “Quero agradecer muito a todos vocês, e agradecer essa demonstração de união para seguirmos trabalhando pelo bem-estar da população”, afirmou.

O presidente da CMB enalteceu a qualidade e o impacto de uma programação alinhada com as transformações da sociedade, apontando os “de-

bates que trouxeram conhecimento útil e relevante, que efetivamente será aplicado na nossa rotina como gestores hospitalares”. Ele também destacou o apoio das lideranças políticas, como o vice-presidente Geraldo Alckmin e os presidentes da Câmara e do Senado, além da ministra da Saúde. “Poucos eventos de setores produtivos conseguem mobilizar tantas autoridades, o que reflete a valorização do nosso trabalho na saúde”, celebrou.

Mirocles ainda abordou a importância da recente aprovação do PLP 57/22, que assegura o custeio dos hospitais filantrópicos, e a participação do deputado Antonio Brito na conquista. “A vitória é fruto de uma ação conjunta e permitirá que as emendas cheguem efetivamente aos nossos hospitais, garantindo melhores condições de financiamento e gestão”, garantiu. E finalizou com agradecimentos à equipe organizadora e um desejo de continuidade do trabalho árduo pela sustentabilidade das Santas Casas e dos hospitais filantrópicos. E lembrou: “Somente através de ações fraternas e de solidariedade podemos construir um mundo mais justo e humano”.

A ministra Nísia Trindade também destacou a solidariedade como um dos valores fundamentais que orientam a ação das Santas Casas e dos hospitais filantrópicos. E expressou sua gratidão pelo trabalho dessas entidades, afirmando que “as Santas Casas desempenham um papel indispensável no acesso à saúde da população brasileira e na oferta de serviços especializados no Sistema Único de Saúde”. Trindade ressaltou a importância histórica dessas

instituições, mencionando que, antes da criação do SUS, elas eram a única forma de atendimento para muitos brasileiros.

Ao longo de sua fala, a ministra relembrou o compromisso do governo com o fortalecimento das Santas Casas e dos hospitais filantrópicos. Salientou que “desde que assumimos o governo, priorizamos garantir os recursos previstos na Lei 14.820, e foi uma das primeiras portarias assinadas pelo Ministério da Saúde”. Além disso, Nísia citou a aprovação de 159 propostas para aquisição de unidades móveis de saúde e equipamentos, reforçando que “esses investimentos representam um importante ponto de apoio para o SUS”.

A ministra também ressaltou a parceria entre o Ministério da Saúde, o Conselho Nacional de Secretarias de Saúde (CONASS) e o Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (CONASEMS), enfatizando a importância de políticas conjuntas para o avanço do SUS. E anunciou a criação de uma estratégia que destinará R\$ 1 bilhão ao fortalecimento dos serviços prestados pelas entidades filantrópicas, afirmando que “essas ações são fundamentais para melhorar o acesso à atenção especializada e garantir a sustentabilidade do sistema”. E encerrou reiterando o compromisso do governo com o diálogo contínuo e o fortalecimento das políticas públicas voltadas para a saúde no Brasil.







SAÚDE SUPLEMENTAR

INTRODUÇÃO

O futuro da saúde suplementar em debate

Em meio a esse cenário complexo, a busca por soluções inovadoras e a construção de um sistema mais eficiente, justo e centrado no paciente se tornam imperativas.

O 32º Congresso Nacional das Santas Casas e Hospitais Filantrópicos foi palco de discussões profundas sobre o cenário atual e as perspectivas da saúde suplementar no Brasil. O Seminário de Saúde Suplementar, realizado dentro do evento, reuniu especialistas e líderes para debater temas fundamentais como a sustentabilidade econômica, a qualidade dos serviços, os desafios assistenciais e as ações necessárias para a transformação do setor.

Em um cenário marcado por constantes mudanças e desafios inéditos, é evidente a necessidade urgente de se adaptar a um novo paradigma. Questões como a consolidação do mercado, o avanço da tecnologia, as novas demandas dos consumidores, a sinistralidade crescente e o envelhecimento da população exigem soluções inovadoras e um olhar atento às particularidades de cada região e comunidade.

As operadoras filantrópicas, apesar de representarem uma pequena parcela do mercado, desempenham um papel fundamental ao oferecer acesso a populações muitas vezes desassistidas. No entanto, essas instituições enfrentam desafios específicos que demandam olhar diferenciado e soluções personalizadas para garantir sua sustentabilidade e a continuidade de sua missão social.

O Seminário também abordou os desafios assistenciais, como o aumento exponencial dos custos em áreas como o tratamento do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a Oncologia. A necessidade de novos modelos de cuidado e de remuneração, aliados a uma regulamentação mais eficaz e à integração entre os di-

A forte presença das Federações e gestores de instituições de todo o país proporcionou grande diversidade de perspectivas e conhecimentos para enriquecer as discussões.

ferentes atores do sistema, foram apontados como caminhos para garantir a resiliência e a qualidade da assistência.

Em meio a esse cenário complexo, a busca por soluções inovadoras e a construção de um sistema mais eficiente, justo e centrado no paciente se tornam imperativas. A colaboração entre os setores público, privado e filantrópico, a troca de experiências e o desenvolvimento de boas práticas adaptadas às necessidades locais são pilares essenciais para a transformação da saúde suplementar no Brasil. O Seminário serviu como um importante espaço para fomentar essas discussões e inspirar ações concretas em prol de um futuro mais promissor para o setor.



SAÚDE SUPLEMENTAR

Cenário atual e perspectivas

Equilíbrio entre sustentabilidade econômica e manutenção da qualidade dos serviços resumem um horizonte repleto de desafios para o setor

O mundo inteiro está convergindo para um formato que prioriza a prevenção e a promoção do bem-estar, em vez de se concentrar apenas no tratamento



As discussões sobre a saúde suplementar no 32º Congresso Nacional das Santas Casas e Hospitais Filantrópicos começaram com a apresentação de um cenário cada vez mais complexo e dinâmico para o setor, com os especialistas convidados ressaltando a urgência de adaptação a um novo paradigma, marcado

por constantes mudanças e desafios inéditos. Luís Fernando Vieira Joaquim, Líder da prática de Life Sciences & HealthCare na Deloitte, destacou alguns pontos relevantes nesse cenário, como a consolidação do mercado, a crescente importância da tecnologia e a necessidade de adaptar-se às novas demandas dos con-

Todo o ambiente está em profunda transformação e as empresas precisam se ajustar rapidamente às novas realidades

sumidores. “Todo o ambiente está em profunda transformação e as empresas precisam se ajustar rapidamente às novas realidades. Aquelas que não acompanharem essa evolução podem perder competitividade e relevância nos próximos anos”, avaliou.

No aspecto econômico, Joaquim relativizou o crescimento do número de usuários nos últimos anos, apontando que o ritmo é bem mais moderado quando se considera um período mais longo. “Apesar da alta recente, a variação média nos últimos dez anos é menos expressiva, com períodos de estagnação, principalmente após as últimas recessões econômicas. O pico registrado em 2014, por exemplo, ainda não foi superado em índices anuais”, ponderou. Seguindo na pauta da sustentabilidade financeira, ele ressaltou a necessidade de melhorar a orquestração da cadeia de valor em saúde, coordenando melhor todos os elementos envolvidos na assistência e colocando o paciente no centro do processo. “O mundo inteiro está convergindo para um formato que prioriza a prevenção e a promoção do bem-estar, em vez de se concentrar apenas no tratamento”, afirmou.

Ele alertou para questões cada vez mais preocupantes, como a sinistralidade em alta, o envelhecimento da população e a desigualdade no acesso. “Tudo isso demanda investimento em tecnologia e novos modelos de gestão”,

resumiu. E apontou algumas tendências nesse sentido, como a utilização de inteligência artificial e práticas de personalização da assistência.

Marcelo Coury, da MCA HEALTH TC LTDA, trouxe uma análise da gestão de receita, muito prejudicada após a pandemia agravar desafios como precificar adequadamente os contratos e equilibrar o crescimento da carteira com os resultados financeiros. “A COVID – 19 acelerou significativamente a ocorrência de problemas que já eram previstos para o futuro”, resumiu. O especialista afirmou que os últimos anos impactaram severamente a sinistralidade, mexendo com os custos de uma maneira que exige ajustes estruturais na operação e nos ne-

gócios. “Não pensem que vamos retornar aos 75% de sinistralidade. As operadoras devem se preparar para desenvolver meios de otimizar os seus processos”, alertou.

Para melhorar a gestão de receita, Coury sugeriu a criação de um comitê específico, a análise detalhada dos contratos, a segmentação dos clientes e a busca por diferenciais competitivos. “Também é importante ficar atento aos riscos de um crescimento rápido e descontrolado da carteira. É preciso equilibrar a entrada de novos clientes com a manutenção da qualidade do serviço”, finalizou.

O painel teve a moderação de Fernando César, Diretor Institucional de Saúde Suplementar na CMB.



Marcelo Coury



Luís F. Vieira Joaquim



Fernando César

Palestrantes:

Marcelo Coury

MCA HEALTH TC LTDA

Luís Fernando Vieira Joaquim

Líder da prática de Life Sciences & HealthCare na Deloitte

Moderação:

Fernando César

Diretor Institucional de Saúde Suplementar na CMB

SAÚDE SUPLEMENTAR

A relevância do setor filantrópico no ecossistema da saúde suplementar

Especialistas concordam que operadoras filantrópicas devem receber uma abordagem diferenciada

As operadoras filantrópicas atendem a uma população específica, muitas vezes sem outras opções na saúde suplementar.

As operadoras filantrópicas desempenham um papel fundamental, embora muitas vezes subestimado, no cenário complexo e dinâmico da saúde suplementar no Brasil. São instituições com características próprias e o atributo principal de atender uma população com acesso limitado, por isso, necessitam de um olhar diferenciado. Essa foi a conclusão dos palestrantes do painel “A relevância do setor filantrópico no ecossistema da saúde suple-



mentar”, conduzido por Daniel Barauna, da Advocacia Barauna Sociedade de Advogados. Flaviano Feu Ventorim, vice-presidente da CMB, destacou que, apesar de representarem apenas 4% do mercado, as operadoras filantrópicas atendem a uma população específica, muitas vezes sem outras opções na saúde suplementar. E relatou que o segmento enfrenta dificuldades severas, como a falta de escala, a pressão da judicialização e a crescente sinistralidade. “A pandemia agravou ainda mais esse quadro, com aumentos significativos nos custos e a migração de clientes de grandes operadoras para as menores”, afirmou.

Precisamos mesmo olhar a filantropia de maneira diferente e estimular a exploração de novos formatos de negócios

O executivo explicou que o modelo de negócio das operadoras filantrópicas não se encaixa perfeitamente no modelo tradicional de planos de saúde, principalmente pela necessidade de conciliar a missão social com a exigência de sustentabilidade financeira. “Nós somos uma anomalia no sistema”, classificou. Por isso, completou, é necessário desenvolver soluções exclusivas para garantir o equilíbrio econômico dessa fatia do setor.

Paulo Rebello Filho, diretor-presidente da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), reconheceu a importância das operadoras filantrópicas, especialmente em municípios onde são a única opção de assistência para a população. “Precisamos mesmo olhar a filantropia de maneira diferente e estimular a exploração de novos formatos de negócios”, afirmou. Ele sugeriu, por exemplo, o desenvolvimento de produtos para atender às necessidades específicas das comunidades onde as instituições atuam.

Rebello também defendeu a necessidade de uma maior integração entre os segmentos público, privado e filantrópico para encontrar soluções inovadoras e garantir o acesso equânime aos serviços. “A sinergia entre todos é essencial para construir um sistema mais eficiente e justo, onde ninguém fique para trás”,

avaliou. O executivo também mencionou a importância da regulação do mercado, destacando o papel da agência em fomentar o desenvolvimento das operadoras e a excelência dos serviços prestados. “Nossa missão é garantir que a população tenha acesso a serviços de saúde com qualidade e segurança”, finalizou.



Paulo Rebello Filho



Flaviano Feu Ventorim



Daniel Baraúna

Palestrantes:

Paulo Rebello Filho

Diretor-Presidente da Agência Nacional de Saúde Suplementar / ANS

Flaviano Feu Ventorim

Vice-Presidente da CMB

Moderação:

Daniel Barauna

Advocacia Barauna Sociedade de Advogados

Construindo alternativas frente aos principais desafios assistenciais

Limitar o aumento exponencial em custos assistenciais exige novos modelos de cuidado e de remuneração, além de atualização na regulamentação

Atualmente, uma em cada 36 crianças com 8 anos de idade apresenta sinais ou sintomas que podem indicar a presença de TEA

O painel “Construindo alternativas frente aos principais desafios assistenciais” foi moderado por Simonei Bonato, Diretor no Plano de Saúde São Camilo, e trouxe questões fundamentais para o futuro da saúde suplementar, como o crescimento exponencial dos custos dos tratamentos de algumas doenças sem regras claras de controle, e a sugestão de novos modelos para garantir mais previsibilidade e sustentabilidade para as operações.



Mauro Couri, superintendente operacional da Unimed Fesp, mostrou como o aumento da prevalência do Transtorno do Espectro Autista (TEA) está impactando o sistema. “Atualmente, uma em cada 36 crianças com 8 anos de idade apresenta sinais ou sintomas que podem indicar a presença de TEA”, revelou. Porém, apesar do evidente crescimento na demanda e nos custos associados, ele ponderou que as informações não são precisas, o que dificulta ainda mais a gestão de um cenário que já é bem problemático. “Infelizmente, não sabemos exatamente quantos pacientes com TEA são atendidos pela saúde suplementar no Brasil”, reconheceu.

Couri também apontou problemas no diagnóstico e na prescrição, criticando a falta de

critérios objetivos e a ampla variedade de tratamentos com cobertura obrigatória. “A ANS exige que as operadoras cubram praticamente qualquer prescrição médica, com raras exceções que podem ser concedidas judicialmente”, explicou. É uma situação, acrescentou, que impede a previsão de custos e facilita as fraudes. “Hoje, é comum observar recomendações de até 40 horas semanais de terapia”, ilustrou. Para lidar com o problema, o executivo reivindicou uma regulamentação mais eficaz, incluindo a exigência por formação profissional adequada para atuar na área. E ressaltou a importância de definir responsabilidades claras entre os diferentes atores envolvidos no cuidado da pessoa com TEA. “É preciso ter uma estratégia compartilhada entre casa, escola e serviço de saúde. Não é possível atribuir a responsabilidade apenas a uma dessas partes”, concluiu.

Amândio Fernandes, presidente do Grupo Orizonti, abordou o crescimento exponencial dos custos em Oncologia, impulsionados pelo envelhecimento da população, avanços tecnológicos e a introdução constante de novas terapias. “Nos anos 2000, essa área representava em torno de 2% dos custos das operadoras,

A ANS exige que as operadoras cubram praticamente qualquer prescrição médica, com raras exceções que podem ser concedidas judicialmente

hoje é aproximadamente 15%. Os tratamentos ficaram muito mais complexos com a medicina personalizada e a necessidade de testes genéticos e moleculares”, comparou.

Fernandes defendeu a urgência de novos modelos assistenciais e de remuneração, e criticou a fragmentação de um sistema em que “quem usa não decide, quem paga não usa, e quem decide não paga”. Para ele, a solução passa pela união de interesses e a integração da jornada, com foco em parcerias sólidas entre operadoras, médicos e prestadores de serviço. “Estamos empenhados em oferecer o melhor tratamento, mas, para continuar fazendo isso, precisamos de novos formatos de cuidado e de remuneração”, avaliou.

Nicolas Carvalho, gerente de Atenção Primária na Fundação São Francisco Xavier, enumerou os diversos desafios, como a transição demográfica, o modelo hospitalocêntrico e a frag-

mentação do cuidado, e reforçou a exigência por um formato mais sustentável, preventivo e centrado no paciente. “A atenção primária é essencial na solução que estamos buscando”, garantiu.

Carvalho relatou a experiência da sua instituição na implantação de um programa de atenção primária inspirado na Cambridge Health Alliance e revelou os resultados: redução de 32% no custo médio mensal e de 12% na utilização de serviços em 5 anos. Ele ponderou, no entanto, que o sistema como um todo ainda tem um longo caminho a percorrer. “Precisamos de incentivos financeiros que promovam o engajamento do beneficiário, integração de dados com a rede externa, avaliação do custo evitável por medidas preventivas, dados sobre saúde populacional e remuneração por desempenho”, finalizou.



Mauro Couri



Amândio Fernandes



Nicolas Carvalho



Simonei Bonato

Palestrantes:

Mauro Couri

Superintendente Operacional da Unimed Fesp

Amândio Fernandes

Presidente do Grupo Orizonti

Nicolas Carvalho

Gerente de Atenção Primária na Fundação São Francisco Xavier

Moderação:

Simonei Bonato

Diretor no Plano de Saúde São Camilo

SAÚDE SUPLEMENTAR

Ações e Caminhos para a transformação na Saúde Suplementar

Especialista aponta um setor “estagnado”, que precisa de nova mentalidade e ações concretas. “Operadoras filantrópicas são agentes importantes no processo de mudança”, avalia

O setor está estagnado e enfrenta desafios que já eram conhecidos há mais de duas décadas

Adriano Londres, sócio fundador da Arquitetos da Saúde, foi o único palestrante do painel “Ações e Caminhos para a transformação na Saúde Suplementar”, conduzido por Fernando César Fernando César, Diretor Institucional de Saúde Suplementar na CMB, e começou a sua apresentação com uma provocação. “O se-

tor está estagnado e enfrenta desafios que já eram conhecidos há mais de duas décadas”, resumiu. E acrescentou que a busca por soluções financeiras sem foco na qualidade do cuidado motivou um ambiente de passividade e falta de ações transformadoras. “Estamos no que parece um beco sem saída”, concluiu.

Para avaliar o desempenho e promover a melhoria contínua, por exemplo, precisamos de dados objetivos e comparáveis

O especialista argumentou que o setor cresceu impulsionado apenas pelo medo acumulado durante a pandemia e que o perfil do beneficiário mudou, com aumento da coparticipação e a migração para planos mais básicos. E apontou a falta de uma estratégia clara e a ausência de indicadores eficazes como obstáculos para a gestão desse cenário mais do que complicado. “Para avaliar o desempenho e promover a melhoria contínua, por exemplo, precisamos de dados objetivos e comparáveis”, afirmou.

Para ele, a transformação demanda uma nova mentalidade que priorize a assistência em vez do lucro. “Pensar apenas no dinheiro é que causa a falta do dinheiro”, resumiu. E propôs uma agenda de ações estruturantes, como a profissionalização dos corretores, o aumento da transparência, o letramento da sociedade e o empoderamento dos contratantes, além de mais comunicação com a população e um severo combate às fraudes.

A partir desse contexto, Londres posicionou as operadoras filantrópicas como importantes agentes no processo de mudança. Ele encorajou a troca de experiências e a colaboração entre as instituições, que muitas vezes atuam com perspectivas regionais e possuem um grande potencial de inovação. “A saúde é local e as soluções são locais”, afirmou, acrescentando que a rede filantrópica é a mais bem



preparada para desenvolver boas práticas levando em consideração as particularidades de cada comunidade. E citou exemplos de sucesso, como a Fundação Antônio Helena Zerrener e a Unimed Londrina.

Apesar de todos os desafios, Londres disse ser otimista com o futuro e acreditar na transfor-

mação, bem como na crescente importância do papel das filantrópicas dentro do setor. Mas, ponderou, isso vai exigir novas perspectivas e ações concretas por parte de todos os envolvidos. “O pessimista se queixa do vento, o otimista espera que ele mude e o realista ajusta as velas”, finalizou.



Adriano Londres



Fernando César

Palestrante:

Adriano Londres

Sócio fundador da Arquitetos da Saúde

Moderação:

Fernando César

Diretor Institucional de Saúde Suplementar na CMB





FÓRUM JURÍDICO

INTRODUÇÃO

Os desafios jurídicos para as instituições de saúde no Brasil

As limitações financeiras e a judicialização crescente foram amplamente debatidas como obstáculos à implementação dessas inovações, gerando um panorama de incertezas sobre como garantir o acesso a tratamentos mais modernos.

O ambiente regulatório da saúde no Brasil é cada vez mais desafiador, exigindo das instituições uma abordagem robusta e estratégica para lidar com as complexas questões jurídicas que afetam o setor. O Fórum Jurídico do 32º Congresso Nacional das Santas Casas e Hospitais Filantrópicos, promoveu discussões sobre temas fundamentais sobre esse cenário cada vez mais complexo, em que a sustentabilidade financeira e operacional dos hospitais

filantrópicos e públicos está diretamente ligada à sua capacidade de se adaptar às exigências legais.

O painel sobre “Segurança Jurídica na Negociação com as Operadoras de Saúde”, por exemplo, destacou a fragilidade das negociações diante das resoluções da Câmara de Regulação do Mercado de Medicamentos (CMED), gerando incertezas e riscos para a gestão hospitalar. Ao mesmo tempo, a conformidade com essas regulamentações se mostrou uma tarefa árdua, mas necessária para garantir a viabilidade financeira dos serviços prestados.

Outro aspecto abordado com profundidade foi a importância da conformidade legal nas instituições, com enfoque nas obrigações e responsabilidades legais. A palestra “Obrigações Legais: Riscos e Consequências do Descumprimento” evidenciou os perigos de não acompanhar as normativas e as severas penalidades que podem comprometer as operações hospitalares. A incorporação de programas de compliance e governança corporativa

Outro aspecto abordado com profundidade foi a importância da conformidade legal nas instituições, com enfoque nas obrigações e responsabilidades legais.

foi apontada como uma estratégia essencial para mitigar riscos e garantir a eficiência dos processos jurídicos e administrativos dentro dos hospitais.

Por fim, o Fórum também explorou os desafios impostos pela incorporação de novas tecnologias no Sistema Único de Saúde (SUS), tema de grande relevância no contexto atual. As limitações financeiras e a judicialização crescente foram amplamente debatidas como obstáculos à implementação dessas inovações, gerando um panorama de incertezas sobre como garantir o acesso a tratamentos mais modernos.



SEGURANÇA JURÍDICA NA NEGOCIAÇÃO COM AS OPERADORAS DE SAÚDE

Especialistas discutem os impactos da regulamentação e dos modelos de remuneração na sustentabilidade do segmento hospitalar

O painel “Segurança Jurídica na Negociação com as Operadoras de Saúde” trouxe uma discussão, norteada pela moderadora Flávia Sant’Anna, Assessora Jurídica da FEMERJ e membro do Comitê Jurídico da CMB, sobre aspectos fundamentais dos desafios enfrentados pelas instituições nessa área. Com a participação de Teresa Gutierrez, sócia do escritório Machado Nunes Advogados, e Fernando Rocha, diretor comercial da Pronep Life Care e fundador da Rock’n Health, o debate focou nos impactos da Resolução CMED nº 2/2018 e na urgência de transição para modelos de remuneração mais eficientes e sustentáveis.

Gutierrez trouxe uma análise profunda sobre as consequências das decisões judiciais relacionadas à Resolução CMED nº 2/2018, com destaque para a regulação no mercado de medicamentos

que, no Brasil, é altamente controlado. Ela explicou como a resolução afeta diretamente a gestão hospitalar. “A CMED nº 2/2018 estabeleceu limites claros, impedindo que os hospitais cobrem valores superiores aos preços de aquisição dos medicamentos”, resumiu.

A advogada destacou que os serviços de saúde, diferentemente de drogarias e farmácias, utilizam medicamentos como insumos, o que exige uma margem adicional para cobrir custos de manuseio, armazenamento e aplicação. No entanto, essa margem, essencial para a sustentabilidade das operações, foi restringida pela resolução, gerando grandes desafios na negociação com as operadoras de saúde.

Gutierrez também abordou a questão da insegurança jurídica gerada pela regra, especialmente em contratos de conta aberta, onde as operadoras têm acesso a informações sensíveis sobre as negociações hospitalares. “Essa abertura de dados cria um desequilíbrio no mercado, além de desincentivar os hospitais a buscarem melhores preços na aquisição de medicamentos”, avaliou. E concluiu ressaltando a importância de rever o modelo de remuneração para garantir a viabilidade financeira das instituições de saúde.

Fernando Rocha veio em seguida justamente para abordar os modelos de remuneração. Ele demonstrou como o modelo fee-for-service, amplamente utilizado no Brasil, incentiva a realização excessiva de procedimentos, muitas vezes sem necessidade, impactando a sustentabilidade dos hospitais e operadoras. “Vivemos um sistema fragmentado e ineficiente, onde o foco está na competição por usuários e não na eficiência dos serviços prestados”, afirmou. O palestrante reforçou a necessidade de transição para modelos baseados em valor, onde o paciente está no centro do cuidado e os resultados clínicos e econômicos são melhor equilibrados. “Precisamos de um sistema em que foco esteja na experiência assistencial, em desfechos de

alta qualidade e custos adequados”, defendeu. E mencionou a importância de iniciativas como a verticalização e pacotes de remuneração previsíveis para controlar custos e melhorar a eficiência dos serviços.

Rocha concluiu ressaltando que a responsabilidade pela melhoria do sistema é de todos os envolvidos, e que modelos inovadores de remuneração são fundamentais para garantir um atendimento de qualidade. “Não existe uma solução única, mas temos que buscar um ambiente mais transparente, previsível e de baixo custo operacional para todas as partes”, finalizou, convidando os participantes a refletirem sobre a importância da responsabilidade compartilhada na transformação do setor.



Fernando Rocha



Teresa Gutierrez

Palestrantes:

Fernando Rocha

Diretor comercial da Pronep Life Care e Founder da Rock’n Health

Teresa Gutierrez

Sócia do escritório Machado Nunes Advogados

Moderação:

Flávia Sant’Anna

Assessora Jurídica da FEMERJ e membro do Comitê Jurídico da CMB



Flávia Sant’Anna

OBRIGAÇÕES LEGAIS: RISCOS E CONSEQUÊNCIAS DO DESCUMPRIMENTO

Josenir Teixeira destaca a importância de um departamento jurídico atualizado diante do aumento das normativas e penalidades no setor de saúde

O advogado Josenir Teixeira, especialista em direito do terceiro setor e em questões jurídicas na saúde, apresentou o painel “Obrigações legais: Riscos e consequências do descumprimento”, e alertou para a adequação às normativas vigentes e os riscos de não estar devidamente preparado para lidar com as constantes mudanças nas regulamentações do setor de saúde.

Teixeira iniciou o painel, que teve moderação de Monaliza Costa Santos, Diretora Jurídica e Administrativa da CMB, ressaltando a enorme quantidade de normas que regem as atividades hospitalares no Brasil, desde leis federais

até instruções normativas locais. “São mais de 4.960.000 normas no Brasil desde a Constituição de 1988, ou seja, 782 normas por dia útil”, afirmou. Ele destacou que, além de lidar com essa quantidade de regulamentos, os hospitais também precisam ficar atentos às regulamentações específicas da saúde, como as exigências da Anvisa, da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) e da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD). “O desconhecimento dessas leis não é justificativa para o descumprimento”, alertou. Um dos pontos centrais da palestra foi o impacto financeiro e reputacional que o descumprimento de normas pode causar às instituições. Segundo o advogado, as sanções vão desde multas elevadas até a cassação de licenças e interdições, comprometendo a continuidade das operações. “A perda de credibilidade e o impacto nas relações comerciais são consequências diretas da má gestão jurídica”, explicou. Ele ressaltou que as instituições devem investir continuamente na atualização e capacitação de seus departamentos jurídicos como forma

de prevenção.

Josenir também frisou a importância da implementação de programas de compliance e governança corporativa dentro dos hospitais como uma forma de mitigar riscos legais e assegurar que todas as áreas estejam em conformidade com as normativas vigentes. E ainda recomendou auditorias regulares e treinamentos contínuos para manter os profissionais atualiza-

dos e cientes de suas responsabilidades.

Por fim, Teixeira ressaltou o papel estratégico do departamento jurídico, afirmando que ele não deve ser visto como um custo, mas como um parceiro fundamental na gestão hospitalar. “O jurídico moderno precisa ser ativo, dinâmico e capaz de atuar de forma preventiva, antecipando problemas e propondo soluções que protejam a instituição de riscos ocultos”, finalizou.



Josenir Teixeira



Monaliza C. Santos

Palestrantes:

Josenir Teixeira

Especialista em direito do terceiro setor e em questões jurídicas na saúde

Moderação:

Monaliza Costa Santos

Diretora jurídica e administrativa da CMB

O IMPACTO DA INCORPORAÇÃO DE TECNOLOGIA NO SUS

Transformação tecnológica esbarra em falta de financiamento, judicialização e a necessidade de ajustes no sistema público

O painel “O Impacto da Incorporação de Tecnologia no SUS” trouxe à tona uma discussão fundamental sobre os desafios enfrentados pelas instituições de saúde para a incorporação de novas tecnologias diante da falta de financiamento adequado e da judicialização no sistema público. Conduzido pelo moderador Tiago Farina Matos, Consultor jurídico da FEHOSP e membro do Comitê Jurídico da CMB, os palestrantes compartilharam suas perspectivas sobre os principais entraves e as possíveis soluções para a sustentabilidade do SUS diante dessas questões.

José Barreto Campelo Carvalho, coordenador geral da Política Nacional de Prevenção e Controle do Câncer do Ministério da Saúde, apresentou um panorama dos desafios enfrentados pelo SUS na atenção especializada em Oncologia. Ele destacou que, apesar dos avanços, como o programa de ampliação da radioterapia, a fragmentação do cuidado e a má distribuição de recursos continuam sendo obstáculos críticos. “Enfrentamos grandes déficits no diagnóstico precoce e na distribuição de

especialistas, o que compromete o acesso ao tratamento adequado”, explicou. A falta de integração entre a atenção básica e especializada também foi apontada como um problema central.

Carvalho enfatizou a necessidade de maior financiamento para áreas essenciais como a cirurgia e radioterapia, ao invés de focar apenas em novas tecnologias. “A incorporação é importante, mas ainda temos grandes lacunas na fase inicial do tratamento do câncer”, afirmou. Ele apresentou dados que mostram como os atrasos no início dos tratamentos aumentam significativamente a mortalidade e concluiu alertando que o orçamento destinado à Oncologia, especialmente à quimioterapia, não acompanha as necessidades crescentes e que, sem ajustes orçamentários, o impacto das inovações tecnológicas será limitado.

Pascoal Marracini, presidente da Associação Brasileira de Instituições Filantrópicas de Combate ao Câncer (ABIFICC), seguiu com uma crítica contundente à falta de avanço significativo nas políticas de saúde oncológica no SUS. De acordo com ele, mesmo após 35 anos de discussões, os principais problemas permanecem inalterados, especialmente no que se refere ao acesso ao diagnóstico e tratamento. “Hoje, falamos de incorporação de novas tecnologias, mas continuamos lidando com filas enormes, falta de acesso e tratamentos desatualizados”, afirmou. Ele destacou que as incorporações de medicamentos pela Conitec muitas vezes são realizadas sem garantir os recursos necessários para que os hospitais possam utilizá-los, o que gera um efeito prático limitado.

Marracini também chamou a atenção para a burocracia no sistema, que impede programas como o Mais Acesso de terem o impacto planejado. Ele apontou que a rede oncológica do país é inexistente em termos práticos, com pacientes

aguardando atendimento por mais de 90 dias, quando a lei exige um máximo de 60 dias. “Se continuarmos a depender do gestor local sem uma verdadeira articulação entre os níveis federal, estadual e municipal, a situação não vai mudar”, alertou. Ele concluiu afirmando que, sem uma revisão completa nos processos, incluindo a melhoria das APACs de quimioterapia e a modernização das máquinas de radioterapia, a judicialização continuará sendo a única alternativa para muitos pacientes, prejudicando ainda mais a gestão da saúde pública.

Inês Thomé Poldi Taddei, promotora de Justiça Cível da área da saúde no Ministério Público Estadual/ES, afirmou que a tecnologia é essencial para garantir a qualidade e a eficiência dos serviços prestados, no entanto, ponderou que a implementação das inovações depende de planejamento e dos recursos financeiros adequados. “O custo precisa ser

equilibrado com a realidade orçamentária das instituições”, afirmou.

Taddei também criticou o efeito negativo da judicialização na gestão das políticas públicas de saúde, afirmando que o processo acaba criando um desequilíbrio no atendimento, uma vez que pacientes conseguem furar a fila de espera por meio de liminares, muitas vezes em detrimento de outros em condições mais graves. “A judicialização, embora necessária em alguns casos, atrapalha a política pública de saúde, desestruturando o orçamento e a ordem de atendimento”, explicou. Ela concluiu reforçando a necessidade de revisão dos valores de remuneração do SUS e de soluções que garantam a sustentabilidade financeira para que as inovações possam ser realmente implementadas na prática, beneficiando a população de forma ampla e justa.



Inês Thomé P. Taddei



José B. C. Carvalho



Pascoal Marracini

Palestrantes:

Inês Thomé Poldi Taddei

Promotora de Justiça Cível da área da saúde no Ministério Público Estadual/ES.

José Barreto Campelo Carvalho

Coordenador geral da Política Nacional de Prevenção e Controle do Câncer do Ministério da Saúde.

Pascoal Marracini

Presidente da Associação Brasileira de Instituições Filantrópicas de Combate ao Câncer - ABIFICC

Moderação:

Tiago Farina Matos

Consultor jurídico da FEHOSP e membro do Comitê Jurídico da CMB



Tiago F. Matos



Equipe CMB 2024

FEIRA DE NEGÓCIOS

A Feira de Negócios do Congresso CMB 2024 foi, mais uma vez, um espaço vibrante de convivência e relacionamento. Profissionais de todas as regiões do país se reuniram para trocar experiências e impulsionar oportunidades de negócios, sempre com o propósito de aprimorar a assistência à saúde dos brasileiros. Agradecemos aos patrocinadores e a todos os participantes pela parceria e pela confiança no segmento filantrópico.

Nos vemos em 2025.

76 empresas
patrocinadoras

PATROCINADORES

Apoio



MINISTÉRIO DA
SAÚDE



com 1.400
participantes

Master



Mais Valor para a Saúde



Experience



Smart



Business Institucional Saúde Suplementar



Apoio





CONGRESSO CMB 2024

AÇÕES E CAMINHOS PARA A TRANSFORMAÇÃO

CMB

Confederação das Santas Casas
e Hospitais Filantrópicos

SCS, Qd. I, Bloco I, Ed. Central,
Salas 1202/1207 70304-900 - Brasília-DF

Contato

+55 (61) 3321-9563

Web & E-mail

cmb@cmb.org.br
www.cmb.org.br



DESENVOLVIMENTO:
 **predicado**
COMUNICAÇÃO

